

BJIR

Brazilian Journal of International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 4 | edição nº 3 | 2015

*A Rússia e o Exterior Próximo:
potencialidades e entraves para um projeto
de grande potência*

Marcos Paulo dos Reis Quadros,
Lauren Machado

 **Igepri**
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 **unesp**
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

*A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),
EBSCO Publishing e Latindex*

A RÚSSIA E O EXTERIOR PRÓXIMO: POTENCIALIDADES E ENTRAVES PARA UM PROJETO DE GRANDE POTÊNCIA

Marcos Paulo dos Reis Quadros¹
Lauren Machado²

Resumo: Considerando a política externa russa dos anos 1990 até a atualidade, o artigo visa identificar a importância exercida pela região conhecida como Exterior Próximo para o posicionamento internacional da Rússia. Para tanto, investiga inicialmente o contexto de virtual ostracismo político e econômico que acompanhou o governo de Boris Yeltsin, evidenciando que a política externa russa do período flertou abertamente com o Ocidente e conformou-se à perda de prestígio decorrente da implosão da URSS. No entanto, a pesquisa salienta que as administrações capitaneadas por Vladimir Putin suscitaram uma revigorada assertividade da Rússia no plano internacional, reintroduzindo, na prática, um projeto de grande potência para o país. Através de análise que enfatiza os documentos intitulados “Conceito de Política Externa da Federação Russa”, publicados em 1993, 2000 e 2008 pelo Kremlin, o artigo sugere que o país procura confirmar e robustecer sua presença no Exterior Próximo justamente por considerar a região fundamental para efetivar seu protagonismo no cenário internacional. Por fim, o artigo discute as potencialidades e os entraves para os interesses russos na região, destacando as relações políticas e econômicas e o peso da coerção militar.

Palavras-chave: Política Externa Russa; Exterior Próximo; Grande Potência.

RUSSIA AND THE NEAR ABROAD: POSSIBILITIES AND BARRIERS FOR A GREAT POWER PROJECT

Abstract: Considering the 1990s' Russian foreign policy until the present, this article aims to identify the importance exerted by the region known as Near Abroad to Russia's international positioning. To do so, initially this study investigates the virtual political and economic wilderness context that has accompanied the government of Boris Yeltsin, showing that Russian foreign policy in this period has openly flirted with the West and conformed itself to prestige's loss resulted from the URSS' implosion. However, the research stresses that Vladimir Putin's administrations have raised Russia's assertiveness on the international stage, reintroducing, in practice, a great power project for the country. Through an analysis that emphasizes the documents entitled "Foreign Policy Concept of the Russian Federation", published in 1993, 2000 and 2008 by the Kremlin, this article suggests that the country seeks to confirm and strengthen its presence on the Near Abroad

¹Graduado em Ciência Política, Especialista em História do Brasil Contemporâneo, Mestre e Doutor em Ciências Sociais (PUCRS/Instituto de Estudos Políticos - Lisboa). Coordenador de Graduação da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), onde também atua como professor nos cursos de Ciência Política, Direito e Relações Internacionais. Pesquisador do Centro de Análises Econômicas e Sociais (CAES) e membro do Centro Brasileiro de Pesquisas em Democracia (CBPD/PUCRS). E-mail de contato: marcosrq@hotmail.com

²Graduada em Relações Internacionais e mestranda em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI/UFRGS), onde atua como bolsista Capes e tem como foco de pesquisa Política Externa e de Segurança da Rússia. E-mail de contato: lauren.machado@hotmail.com

precisely because Russia considers this region fundamental to carry out its role on the international stage. Finally, the article discusses the possibilities and obstacles for Russian interests in the region, highlighting the political and economic relations and the military coercion's weight.

Keywords: Russian Foreign Policy; Near Abroad; Great Power.

Introdução

Alterando expressivamente a geopolítica global, a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no início dos anos 1990 constituiu um acontecimento de extrema relevância para as Relações Internacionais. Além de representar, juntamente com a queda do Muro de Berlim, um dos marcos do final da Guerra Fria, a desintegração do bloco soviético decompôs a polaridade então existente, reformulou as fronteiras políticas da Europa Oriental e corroborou para a afirmação dos Estados Unidos da América como o *primus inter pares* do Sistema Internacional.

A nascente Federação Russa atravessou os anos 1990 à sombra da crescente perda de prestígio internacional, do enfraquecimento de seu poder militar, da paralisia e até retrocesso econômico e da instabilidade política de um sistema que se valia de instituições débeis e de uma sociedade civil pouco familiarizada com o debate público. Em face de tais sintomas, não foram raras as vozes que sustentaram o decadentismo irreversível da Rússia, afirmando que o país ocuparia nada mais que uma posição de coadjuvante no jogo das grandes potências³ internacionais.

No entanto, o novo milênio trouxe consigo a paulatina recuperação russa na conjuntura global. A partir da ascensão de uma nova liderança, Vladimir Putin, a Rússia passou a apresentar sinais incontestes de crescimento econômico, de estabilidade (e verticalização) política e de incremento do orçamento militar. Ademais, o país pôde voltar a adotar uma postura mais assertiva no âmbito externo, de modo que o Kremlin pouco a pouco reclamaria a voz do protagonismo na arena internacional.

A fim de solidificar semelhantes êxitos, Moscou estabeleceu um projeto de grande potência, o qual recebe como pressuposto incontornável o amplo domínio russo naquela região que constitui, a seus olhos, a legítima e histórica esfera de influência do país: o

³O presente artigo trabalha com o conceito de John Mearsheimer (2001) de grande potência. De acordo com o autor, as grandes potências são determinadas através de suas capacidades militares relativas. Necessariamente uma grande potência possui aparato militar capaz de proporcionar séria resistência em uma guerra convencional total contra o mais forte Estado do Sistema Internacional, mesmo sem vencê-lo. Além disso, na ótica de Mearsheimer, uma grande potência deve possuir capacidade de segundo ataque nuclear e necessariamente possuiria os meios para dissuadir eventuais agressores e ampliar seu espectro de poder. Embora não desconsideremos o amplo debate existente na academia em torno do tema, a opção pela definição de Mearsheimer baseia-se no inquestionável influxo construído pelo autor entre os estudiosos das Relações Internacionais, sendo que o trabalho citado, *The Tragedy of Great Power Politics*, é, sem dúvida, amplamente referenciado para balizar aquele debate.

chamado “exterior próximo⁴”. Nesse sentido, os recentes incidentes na Criméia reclamam renovadas análises também porque podem sinalizar para o empenho russo em manter a região sob seu controle, de modo a preservar um projeto mais amplo de demonstração de força e conservação/recuperação de esferas regionais de poder.

Na esteira desses fatos, o presente artigo inicialmente mapeia o ambiente político e econômico existente na gênese da Federação Russa e as implicações da política externa empreendida pelo governo de Boris Yeltsin. Em seguida, analisa as mudanças ocorridas no seio da nova ordem estabelecida por Putin, enfatizando a inflexão de sua política exterior. Com base no exame do *Conceito de Política Externa* publicado pela chancelaria russa em 1993, 2000 e 2008, a pesquisa debruça-se sobre o significado das iniciativas desenvolvidas pela Rússia no intuito de consolidar sua supremacia no exterior próximo e impor-se novamente como grande potência na ordem internacional. A análise irá se centrar em excertos dos citados documentos que abordam o tema de modo explícito. Por fim, são examinadas as potencialidades e entraves para que a Rússia obtenha êxito na manutenção de sua influência no exterior próximo, valendo-se especialmente de aspectos políticos, econômicos e militares.

Boris Yeltsin e os anos 1990: decadência e submissão

O contexto geopolítico do pós-Guerra Fria assistiu a erosão do Sistema Internacional dividido em dois polos principais de poder e a consolidação da hegemonia norte-americana. Para a Rússia, o período que sucedeu a desintegração do império soviético representou, em suma, transformações significativas na política interna, impactos severos na dinâmica da sociedade civil, edição de novas demarcações fronteiriças e a redefinição do papel que o país ocuparia na arena internacional (PICCOLLI, 2010).

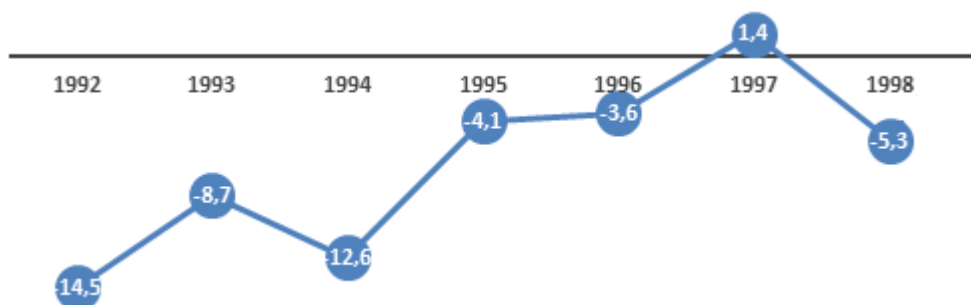
Na conjuntura interna, se propôs uma rápida transição da economia planificada para a lógica de mercado. A desmonopolização e o incentivo à concorrência exigiram a privatização⁵ de grande parte das empresas estatais forjadas pelas administrações

⁴ Região que, em última análise, compreende o território ocupado pelas quatorze ex-repúblicas soviéticas, são elas: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Estônia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia, Uzbequistão e Quirguistão.

⁵ A privatização na Rússia consistiu basicamente em duas etapas: a distribuição preferencial de ações para trabalhadores e administradores de empresas e, por outro lado, a distribuição gratuita de cupons a cada russo, os quais poderiam ser trocados por ações de companhias estatais. No final de 1994, 70% das indústrias russas haviam sido privatizadas, em um ambiente que fez emergir poderosos grupos oligarcas que incrementam seu poder até os dias que correntem (SEGRILLO, 2000).

soviéticas, e a abertura ao comércio internacional inundou o mercado russo com produtos altamente competitivos, capazes de minar a viabilidade da indústria nativa. Ademais, o país enfrentou um contexto econômico caracterizado por altas taxas de inflação⁶ e pela queda acentuada do Produto Interno Bruto (PIB), sobretudo entre 1992 e 1998.

Gráfico 1: Porcentagem anual de crescimento da Rússia entre 1992 e 1999



Fonte: BANCO MUNDIAL, 2014 (Gráfico adaptado pelos autores).

Na esteira das grandes reformas econômicas e do evidente turbilhão internacional, a política externa também sofreu mudanças profundas, já que, “na Rússia da transição, a política externa refletiu os vários constrangimentos que a política russa enfrentava internamente” (FREIRE, 2009, p. 77). O governo Yeltsin voltou-se ao Ocidente e buscou uma parceria estratégica com os norte-americanos. Nesse sentido, afirmava o chanceler russo Andrei Kozyrev (1991-1996):

Os Estados Unidos e as outras democracias ocidentais são como amigos naturais e eventuais aliados da Rússia democrática. De fato, a parceria é a melhor opção estratégica para a Rússia e para os Estados Unidos. A rejeição disso significaria a perda de uma oportunidade histórica para facilitar a formação de um Estado russo democrático e aberto, e a transformação de um mundo instável e pós-confronto em um estável e democrático (KOZYREV, 1994, p. 59, tradução nossa).

Enquanto os tomadores de decisão russos aparentemente tendiam a considerar os norte-americanos como novos aliados, estes, por sua vez, aproveitariam para enfraquecer sistematicamente a Rússia (MAZAT; SERRANO, 2012). Assim como afirma Wallander (1999), no período que sucedeu a dissolução soviética, os norte-americanos procuraram não somente estabelecer relações com as 14 ex-repúblicas então independentes, mas garantir que essas não continuassem sob o espectro de influência russo. Diante disso, o

⁶ Em 1993, o aumento de preços ao consumidor chegou a 874% na Rússia (BANCO MUNDIAL, 2014).

período entre 1991 e 1993 caracterizar-se-ia como um caso de *bandwagoning*⁷ (JUBRAN, 2012), no qual se buscou, sob a égide de Yeltsin e do chanceler Kozyrev (1991-1996), a integração com as instituições ocidentais (TSYGANKOV, 2010).

No entanto, a agenda pró-ocidental que esteve presente na política externa empreendida pela nascente Federação Russa não se realizaria sem importantes ressalvas. O advento do *Conceito de Política Externa da Federação Russa* de 1993 e o afastamento do chanceler Kozyrev subsidiam essa constatação. Sintetizando os intuitos internacionais do país, o documento de 1993 admitia o caráter reativo da política exterior russa no período e ressentia-se diante da escassez de resultados positivos advindos da cooperação com o Ocidente⁸. Diante desse cenário, o país precisaria modificar seu enfoque para o chamado Exterior Próximo: ao reconquistar sua hegemonia regional, a Rússia reestabeleceria paulatinamente sua condição de relevância nas Relações Internacionais (FREIRE, 2009).

No entanto, apesar da sinalização de mudança nas preferências externas russas, os dirigentes políticos não cessaram a cooperação com o Ocidente e, ao mesmo tempo, os países do Exterior Próximo optaram por uma política que os distanciasse da Rússia, assegurando suas ainda recentes independências (OKUNEVA, 2010). Apenas com a saída de Kozyrev (1996) e a ascensão de Primakov como novo chanceler russo foi possível verificar mudanças na política exterior do país e maior aderência aos princípios elencados pelo *Conceito de Política Externa* de 1993.

Com efeito, percebe-se uma reorientação mais clara da política exterior para polos orientais de poder (JUBRAN, 2012) e há quem saliente que a política de Primakov compreendeu praticamente todas as regiões do mundo (THORUN, 2009). A Rússia então ampliou suas relações e fortaleceu o vínculo com as ex-repúblicas soviéticas, focou na Ásia, principalmente China e Índia, e também voltou-se para a América Latina e o Oriente Médio (SEGRILLO, 2010). Em face desses movimentos, Tsygankov (2010) define a chancelaria de Primakov como uma primeira busca pelo reestabelecimento do *status* de grande potência da Rússia, além do balanceamento das aspirações hegemônicas dos EUA.

⁷ Em linhas gerais, o termo *bandwagoning* representa o alinhamento de um Estado mais fraco a outro mais forte, quando o primeiro julga que o custo de contrapor-se a uma potência mais forte supera os benefícios disso.

⁸ Em algum grau, existiam rumores na Rússia, por exemplo, de que seria lançado uma espécie de “Plano Marshall” para contribuir com a transição da economia planificada para a lógica de mercado e o capitalismo propriamente dito (JUBRAN, 2012).

De fato, um desafio enfrentado pela Rússia no mundo pós-bipolar foi a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e da União Europeia (UE). Estendendo seus tentáculos para as fronteiras russas, OTAN e UE operaram como uma espécie de cordão sanitário para isolar a Rússia⁹ (SEGRILLO, 2010). Uma vez que a OTAN selou tratado de resposta conjunta em caso de hostilidades contra quaisquer de seus países-membros¹⁰, e em 2008 considerou admitir Geórgia e Ucrânia à Organização, o Kremlin tende a percebê-la como uma ameaça frontal e expressa aos seus interesses no Exterior Próximo (TANGREDI, 2013; MEARSHEIMER, 2014).

A preocupação se justificaria à medida que a capacidade militar russa foi comprometida devido aos amplos cortes no orçamento de defesa levados a cabo durante os anos 1990. Segundo Mazat e Serrano (2012), Yelsin e sua *intelligentzia* consideravam que o fim da Guerra Fria permitia abdicar de orçamentos robustos para as Forças Armadas, crença que se amparava também na necessidade de alocar todos os recursos disponíveis nos projetos de recuperação econômica.

Assim, importa sublinhar que a Rússia que emergira do colapso soviético enfrentou um período de severa turbulência econômica e política, o qual teve reflexos também no terreno da política externa adotada pelo país. Enfraquecida em relação ao poderio dos Estados Unidos, a Rússia dos anos 1990 viu esmorecer o prestígio que outrora possuía e não raro revelou sinais de conformar-se à condição de figurante no cenário internacional.

A nova ordem sob Putin

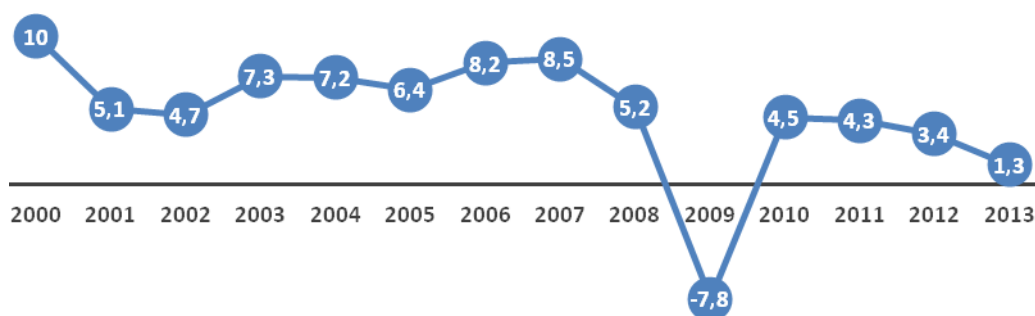
A ascensão de Vladimir Putin rompe com o quadro de decadência e redução da importância da Rússia como ator internacional. Se a implantação de posturas mais assertivas no âmbito externo estavam até então virtualmente restritas aos apelos de documentos como o citado *Conceito de Política Externa* de 1993 (apenas parcialmente postos em prática), Putin parece voltar-se inequivocamente para a recuperação do *status* de grande potência da Rússia.

No plano econômico, os elevados preços do petróleo e a desvalorização do rublo contribuíram para que o PIB russo se expandisse quase 70% entre 2000 e 2013, assentando o país como a oitava maior economia mundial.

⁹ Hungria, Polônia e República Tcheca entraram oficialmente na OTAN no fim dos anos 1990.

¹⁰ Conforme o artigo quinto do regimento da Organização (NATO, 1949).

Gráfico 2: Porcentagem anual do crescimento do PIB russo entre 2000-2013



Fonte: BANCO MUNDIAL, 2014 (Gráfico adaptado pelos autores).

Nesse período, a Rússia cooptou muito capital, o que acarretou na expansão dos salários¹¹ e na redução do desemprego¹², fatores que contribuíram para o aumento da popularidade de Putin: “o público associou a figura de Putin com a imediata melhoria econômica e elevou sua popularidade às alturas, como um governante eficiente e capaz de ‘colocar ordem na casa’” (SEGRILLO, 2011, p. 138).

Mesmo com a significativa melhora, a economia russa é essencialmente pautada por *commodities* devido à abundância de petróleo e gás natural ao longo de seu território. A alta dependência do país à venda de hidrocarbonetos vincula seu desenvolvimento econômico aos voláteis preços desses itens, regulados pelo mercado internacional¹³. Assim, apesar dos resultados positivos do PIB nos primeiros anos do novo milênio, a crise financeira de 2008 impactou a economia russa, já que o preço do petróleo despencou 76,6% entre julho e dezembro daquele ano. Houve então uma significativa fuga de capitais da Rússia, e a recessão econômica foi traduzida no desempenho negativo do PIB no ano de 2009, conforme verificou-se no gráfico anterior.

Para além das finanças, a esfera política também foi severamente modificada durante os anos 2000. Quando Vladimir Putin assume a presidência, seus principais objetivos em matéria de política doméstica eram centralizar o poder – de forma que esse seguisse uma lógica vertical – e reestabelecer a ordem e a estabilidade no Estado russo. Em razão disso, foram formuladas diversas críticas acerca da possível ascensão de um sistema

¹¹ Entre 2000 e 2005 os salários reais da população aumentaram cerca de 77% (COOPER, 2008).

¹² Apenas 4,8% da população ativa estava desempregada na Rússia em 2013 (HUTTER, 2013).

¹³ Ciente desse problema, o governo Putin formula a *Concepção de Desenvolvimento de Longo Prazo da Federação Russa até 2020*, publicada em 2007. O principal objetivo desse projeto é garantir que a Rússia seja uma das cinco principais economias mundiais e, ao mesmo tempo, estabelecer o país como referência em inovação tecnológica.

de cariz autoritário, uma “democracia de baixa intensidade” na Rússia (TAIBO, 2004, p. 28). Defensor de um Estado forte, visto como condizente com a tradição cultural da Rússia e necessário para reconduzi-la ao protagonismo, Putin assegura que:

Nosso Estado e suas instituições e estruturas sempre desempenharam um papel extremamente importante na vida do país e do povo. Para os russos um Estado forte não representa uma anomalia que deve ser eliminada. [...] A Rússia foi e continuará sendo uma grande potência. Isso está pré-condicionado pelas características inseparáveis de sua existência geopolítica, econômica e cultural (PUTIN, 1999, não paginado, tradução nossa).

O discurso guarda intrínseca relação com o conceito de *gosudarstvennost* (estatismo) profundamente enraizado na história russa: “o Estado moscovita se desenvolveu sob uma concepção intelectual bastante generalizada de que um Estado forte é necessário para o pleno desenvolvimento da sociedade russa” (SEGRILLO, 2008, p. 9). Concomitantemente, o discurso presidencial se encaixa perfeitamente na expressão *derzhavnost*, a qual remete ao sentimento identitário de que a Rússia seria, inerentemente, uma grande potência (LEGVOLD, 2007). A posição de grande Estado nas Relações Internacionais está associada, portanto, com uma difusa tradição que remete à Rússia czarista e, explica, em grande parte, o *status* perseguido por Putin ao longo dos anos 2000. No mesmo sentido, a pesquisa de opinião abaixo evidencia que parte significativa da população é a favor do reestabelecimento do *status* de grande potência do país, em consonância com o termo *derzhavnost*:

Figura 1: Você apoia a ideia de que a Rússia deve restabelecer seu *status* de superpotência?



Fonte: LEVADA CENTER, 2012 (Figura adaptada pelos autores).

Semelhante contexto alicerçou as conclusões do novo *Conceito de Política Externa da Federação Russa*, publicado em 2000. O documento recomenda:

Garantir a segurança [...] do país, preservar e reforçar a sua soberania e integridade territorial, alcançar posição sólida e de prestígio na comunidade mundial, [...] consistente com os interesses da Rússia como grande potência [...]; Influenciar os processos mundiais gerais com o objetivo de formar uma [...] ordem mundial construída sob [...] normas do direito internacional; Criar condições externas favoráveis para o desenvolvimento estável da Rússia, para melhorar a sua economia, aumentando o padrão de vida da população [...]; Formar um cinturão de boa vizinhança ao longo do perímetro das fronteiras da Rússia [...]; Promover uma percepção positiva da Federação Russa mundialmente [...] (RUSSIA, 2000, não paginado, tradução nossa).

A busca por uma posição relevante, a percepção de grande potência e a pretensão de praticar influxo decisivo “no perímetro das fronteiras” estão diretamente ligadas aos objetivos de Putin ao assumir o governo russo. Ademais, a ideia de uma ordem mundial baseada no Direito Internacional implica, ao menos no nível do discurso, em respeito à Carta da Organização das Nações Unidas (ONU) e às decisões do Conselho de Segurança (do qual a Rússia é membro permanente), evidenciando, ao mesmo tempo, a condenação da intervenção da OTAN no Kosovo em 1999 (o que, é claro, afrontou os interesses russos na região).

O desenvolvimento e a melhora das finanças russas, por sua vez, estão atrelados ao que Adam (2010) define como a “economização da política externa”, sendo o crescimento econômico peça fundamental para a modernização e maximização da capacidade de poder da Federação Russa. Assim sendo, de acordo com Mankoff (2009), o avanço econômico e a consolidação do poder na Rússia possibilitaram que a administração Putin fizesse uso de uma política externa mais assertiva, como reflexo do progresso interno do país. Em paralelo, a construção de uma imagem positiva mundialmente significaria a difícil tarefa de fomentar o *soft power* russo (inclusive em direção ao Ocidente), que operaria como instrumento complementar de política externa. Finalmente, a formação de um “cinturão de boa vizinhança” nos limites fronteiriços do país claramente diz respeito ao Exterior Próximo.

Além das diretrizes acima elencadas, o *Conceito de Política Externa da Federação Russa* de 2000 igualmente advoga a multipolaridade, a qual remete à teoria eurásiana. Conforme aponta Dugin (2012), um dos mentores do eurásianismo contemporâneo, a multipolaridade figura como uma forte contraposição a um mundo “monopolar” dominado pelos EUA. Ainda de acordo com o autor, “a integração do espaço soviético ao redor da

Rússia [...] é uma das versões de criação de um novo polo” (DUGIN, 2012, p. 67). Portanto, o Exterior Próximo, além de esfera de influência, representaria uma garantia para a multipolaridade internacional.

De fato, a manutenção de influência no entorno russo constitui um elemento permanente na política exterior desse Estado. Hass (2010), por exemplo, assinala que a condução da política externa russa sempre esteve pautada pela formação de zonas tampão (*buffer zones*) que certificassem a segurança nacional. Ao mesmo tempo, é inegável a importância de manter boas relações com os países adjacentes à nação russa, já que “tudo pode mudar: doutrinas, economias, regimes; menos os vizinhos” (ZHEBIT, 2010, p. 133).

Apesar de ainda em 1993, através do *Conceito de Política Externa*, o Exterior Próximo ter sido definido como zona de influência prioritária da Rússia, apenas na administração de Putin essas medidas foram traduzidas em ações concretas. De acordo com Adam (2010),

[...] a linha de política externa adotada pelo Governo Yeltsin em seus primeiros anos privilegiava os contatos com as potências ocidentais e procurava negar qualquer traço de imperialismo [...]. Isto causou um afastamento de Moscou [...] de todo o espaço pós-soviético (ADAM, 2010, p. 143).

A política de Moscou perante seu espaço de influência é pautada principalmente pela intensificação de processos de integração e cooperação (OKUNEVA, 2010). A Comunidade dos Estados Independentes (CEI¹⁴), a União Econômica Eurásiana (UEE)¹⁵ e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO)¹⁶ figuram como iniciativas que buscam ampliar a colaboração regional.

Uma vez que a alternância de governo entre Putin e Medvedev não produziu expressivas mudanças na linha das decisões políticas internas e externas adotadas pelos tomadores de decisão russos, é possível analisar o *Conceito de Política Externa da Federação Russa* de 2008 como um documento que retoma as concepções de segurança e

¹⁴ A criação da CEI objetivou não apenas a colaboração regional, mas a sobrevivência de fato da Rússia como entidade estatal e a tentativa de manter influência sobre as ex-repúblicas soviéticas. Atualmente os países-membros da CEI são: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Moldávia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia, Uzbequistão e Quirguistão.

¹⁵ Bloco formado por Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia. A UEE pretende unir a economia, sistema legal e serviços aduaneiros dos países-membros e entrará em vigor em 2015. Quirguistão e Armênia pretendem unir-se ao bloco e, no longo prazo, outras ex-repúblicas soviéticas também poderão fazê-lo.

¹⁶ Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Uzbequistão são Estados-membros da CSTO, a qual tem por finalidade o fortalecimento das relações na política externa e na esfera militar. Essa organização é vista como um bloco de cooperação político-militar opositor à OTAN.

soberania anteriormente postas em relevo por Putin. Além disso, o documento reforça o papel do Direito Internacional, da ONU e da multipolaridade. Cita, igualmente, o fomento de boas relações com o Exterior Próximo e menciona a promoção do *soft power* russo.

Apesar disso, o novo documento revela diagnósticos sensivelmente diferentes em relação ao papel realmente ocupado pela Rússia no Sistema Internacional contemporâneo. Se, em 2000, o Estado russo almejava posição proeminente no âmbito global – bem como aspirava capacidade para influenciar os acontecimentos mundiais de forma geral –, o *Conceito* de 2008 afirma que

Uma nova Rússia, fundamentada em uma base sólida de seus interesses nacionais, já adquiriu um papel de pleno direito nos assuntos globais [...], [e] exerce influência considerável sobre o desenvolvimento de uma nova arquitetura das relações internacionais, na busca pelo fortalecimento dos princípios do multilateralismo (RUSSIA, 2008, não paginado, tradução nossa).

A preferência pela forma gramatical do presente ao invés do infinitivo¹⁷ explicita o entendimento de que houve efetivo reforço da posição internacional da Rússia, valorizando-se o progresso realizado durante os anos 2000. Semelhante quadro sugere, portanto, que se a pretensão de reconquistar o protagonismo internacional da Rússia estava presente nos documentos oficiais desde 1993, foi a partir da administração Putin, favorecida pela nova conjuntura econômica e pela popularidade do presidente, que de fato a assertividade se materializou.

A Rússia e o Exterior Próximo: potencialidades e entraves

Conforme ressaltado anteriormente, as zonas de influência continuamente representaram fator essencial para a política externa russa, tanto por motivos securitários quanto políticos. Ademais, importa sublinhar que o entorno russo foi oficialmente percebido desde 1993 pelo *Conceito de Política Externa* como vital para as políticas de Moscou. Assim, o *status* de grande potência exigiria a consolidação de hegemonia regional russa no Exterior Próximo.

De início, é possível afirmar que para fortalecer as relações com o Exterior Próximo a Rússia se utiliza de laços históricos, culturais e econômicos. Além disso, a influência militar também é um ponto a ser explorado para intensificar os vínculos entre os russos e

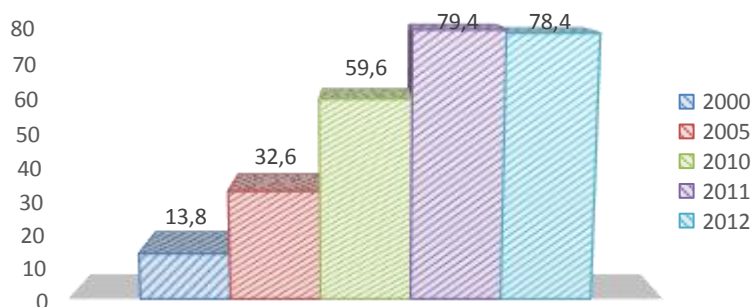
¹⁷ Em 2000 os objetivos eram: “alcançar posição sólida e de prestígio na comunidade mundial; influenciar os processos mundiais gerais” (RUSSIA, 2000). Enquanto em 2008 o discurso mudou para: “a Rússia já adquiriu papel de pleno direito nos assuntos globais e exerce influência considerável sobre o desenvolvimento de uma nova arquitetura das relações internacionais” (RÚSSIA, 2008).

essa região (BERTONHA, 2010). Desde o século IX e da união dos povos de origem eslava para a formação da *Rus Kievana*, até o Império russo e a URSS, a Rússia possui um histórico de dominação dos países de seu entorno.

Ao mesmo tempo, o elevado número de russos étnicos vivendo nas ex-repúblicas soviéticas certamente é um meio de “poder nas mãos do Kremlin para influenciar os vizinhos” (BERTONHA, 2010, p. 152). Ainda que em todos os países da Ásia Central habitem russos étnicos, dá-se destaque para o Cazaquistão, onde quase 24% da população possui origem russa (CIA, 2009). Em paralelo, na Bielorrússia e no Quirguistão a língua russa é considerada oficial e no Cazaquistão e Tajiquistão o idioma é bastante usado para negócios.

Adicionalmente, a questão econômica importa sobremaneira para as relações entre a Rússia e a região. Nos últimos anos, o comércio exterior entre os russos e os países da CEI vem sendo incrementado, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 3: Exportações da Rússia para a CEI, em bilhões de dólares, 2000-2012



Fonte: RUSSIA, 2012 (Gráfico adaptado pelos autores).

A questão energética também adquire proeminência, uma vez que países como Ucrânia, Bielorrússia e Geórgia demonstram alta dependência em relação aos hidrocarbonetos russos para suprir suas demandas energéticas. Nesse sentido, cabe citar os episódios ocorridos em 2006 e 2009, quando os russos cortaram o abastecimento de gás para a Ucrânia em pleno inverno (RUSSIA CORTA..., 2009).

A região de influência russa compreenderia, *a priori*, os países bálticos situados ao noroeste das fronteiras da Federação Russa. Contudo, Estônia, Letônia e Lituânia foram as primeiras repúblicas soviéticas a declarar independência da URSS. Desde então, buscaram estreitar suas relações com o Ocidente e não somente se desvencilharam da Rússia, mas adotaram um comportamento hostil para com Moscou (BERTONHA, 2010). Sendo assim,

é pouco razoável considerar o Báltico como efetiva esfera de influência russa na contemporaneidade.

Em contraposição ao distanciamento das repúblicas bálticas, a Bielorrússia figura como o maior aliado russo no que tange ao Exterior Próximo. Além de grandemente dependente da economia e dos recursos energéticos da Rússia, a Bielorrússia foi o único Estado que abdicou de tentativas de evadir-se do guarda-chuva de influxo russo após o desmantelamento soviético (ADAM, 2008). Ao mesmo tempo, a República de Belarus coopera militarmente com a Federação Russa.

Por outro lado, figura a Ucrânia, imersa em crise política desde 2013. A política externa ucraniana possui um histórico de flerte multivetorial com a Rússia e, ao mesmo tempo, com a União Europeia e a OTAN, padrão seguido pelo ex-presidente Viktor Yanukovich (FEAN, 2010). Quando da negação ucraniana de um acordo comercial com a UE (2013), e conseqüente estreitamento de laços privilegiados com a Rússia, estouraram manifestações que paulatinamente tornaram-se mais violentas, resultando na morte de diversos manifestantes e na deposição de Yanukovich.

Diante de um novo governo apoiado por EUA e UE, os quase nove milhões de russos que habitam a Ucrânia assistiram a tomada de medidas potencialmente prejudiciais a seus interesses, e a Rússia, fazendo valer um dos princípios da assertiva política externa da Era Putin – tais como “garantir a proteção integral dos direitos e interesses legítimos dos cidadãos residentes da Rússia e compatriotas no exterior” (RUSSIA, 2013) –, anexou a península da Crimeia¹⁸.

Desde então, o Kremlin vem sendo acusado de subsidiar grupos separatistas armados, sobretudo na região de Donetsk e Lugansk. O objetivo russo seria desestabilizar a Ucrânia, ampliar seu controle territorial sob aquele país e contrabalancear a influência de outros *players* na região. Nesse sentido, Moscou quer deixar claro que prefere “destruir a Ucrânia como um Estado funcional antes [...] de permitir que essa se torne uma fortaleza ocidental às portas da Rússia” (MEARSHEIMER, 2014, não paginado). Se o desenrolar do conflito pode ser uma incógnita, os acontecimentos definitivamente atraíram atenção global ao peso geopolítico dos hidrocarbonetos russos e ao fato de que a Rússia tomará as ações que julgar necessárias para manter o Exterior Próximo como sua esfera de influência.

¹⁸ A península abriga a frota naval russa do Mar Negro na base militar de Sebastopol, e permite o acesso russo às águas quentes do Mediterrâneo.

Quanto à Moldávia, o país mantém relações cada vez mais estreitas com a UE, em detrimento do desenvolvimento de laços com a Rússia. Ademais, recentemente Geórgia e Moldávia assinaram um acordo preliminar para o estabelecimento de uma zona de livre comércio com o bloco europeu (UCRÂNIA REJEITA..., 2013).

De modo análogo, as relações entre Rússia e Geórgia continuam tensas, sobretudo devido à possível adesão georgiana à OTAN, o que prejudicaria a preponderância plena dos russos no Cáucaso Sul. O conflito russo-georgiano de 2008 e o posterior reconhecimento, por parte da Rússia, da independência da Ossétia do Sul e da Abkházia adicionam tensão ao relacionamento entre ambos os atores¹⁹. Apesar disso, as eleições de 2013 em Tbilisi conferiram expectativa da melhora no relacionamento russo com a Geórgia, e o novo presidente, Georgy Margvelashvili, declarou que a Geórgia assumirá uma posição mais branda perante a Rússia, em detrimento da política ofensiva praticada por Mikheil Saakashvili nos últimos anos (GEÓRGIA PROMETE..., 2013).

Quanto às relações com a Armênia, essas são estáveis e mais intensas no âmbito econômico e militar. A Rússia ajuda na defesa do país e de suas fronteiras, assim como mantém uma base militar em território armênio (IISS, 2013). Por sua vez, com a dissolução da URSS, o Azerbaijão procurou afirmar-se como Estado soberano e distanciar-se da ligação excessiva com os russos. Surge então uma parceria com a Turquia e o desejo de promover relações com a Europa Ocidental. A parceria azeri-turca se baseia na cooperação regional em matéria energética e figura como prioridade para o Azerbaijão²⁰ (PINTO, 2012). Além dos turcos, a Rússia compete também com a UE, com os Estados Unidos e com o Irã por maior influência no território azeri.

No que tange a Ásia Central, “a Rússia tem uma participação primordial na estabilidade da região” (MENON, 2007, p. 6). Por muito tempo os russos dominaram essa localidade, mas, com a desintegração soviética e o enfraquecimento do Estado russo nos anos 1990, diversos atores tentaram cooptar a região para seu espaço de influência. Estados Unidos, China, Irã e Turquia são exemplos de países que atuam no centro asiático (Idem,

¹⁹ Desde 1990 é garantido, pela Rússia, o *status* de autonomia às repúblicas da Abkházia e da Ossétia do Sul. Apesar disso, a Geórgia reivindica a soberania sobre os dois territórios (em 2008, Saakashvili atacou militarmente a Ossétia do Sul, na busca pelo reestabelecimento do controle da república).

²⁰ Pode-se destacar o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan, que transporta petróleo azeri desde sua capital, passando pela Geórgia, até o porto turco de Ceyhan, como a materialização dos interesses do país no sentido da aproximação do Ocidente.

2007). Mesmo assim, não é difícil percebermos um balanço positivo para a Rússia nessa região.

O Cazaquistão, maior país da região, divide com a Rússia a segunda mais extensa fronteira terrestre do mundo e ainda compartilha vínculos econômicos e militares com os russos. A Doutrina Militar do Cazaquistão de 2011 estabelece menos ênfase na cooperação com a OTAN e enaltece a importância dos diversos projetos de colaboração militar que envolvem Moscou²¹ e Astana (IISS, 2013).

O Turcomenistão possui relevantes relações comerciais com o Kremlin, além da reconhecida cooperação no âmbito energético e dos investimentos russos naquele país (RÚSSIA-TURCOMENISTÃO..., 2009). Por sua vez, o Tadjiquistão possui uma relação bastante próxima da Rússia, já que o país esteve em guerra civil de 1992 a 1997 e teve ajuda russa para estabilizar o conflito (ADAM, 2010). Uma demonstração do influxo russo nesse país é que aproximadamente metade do PIB do Tadjiquistão é composto de remessas de tadjiques que trabalham na Rússia (DRENNAN, 2013).

Também o Quirguistão possui relações econômicas e militares com Moscou, sendo que Bisqueque depende grandemente de assistência econômica russa (BUGUBAEV, 2013). Em 2013 o Kremlin forneceu um pacote de ajuda militar ao Quirguistão no valor de US\$1,1 bilhões de dólares (DRENNAN, 2013). Além disso, conforme aponta Bugubaev (2013), importantes elites do Quirguistão tendem a ver a preponderância russa na região de maneira positiva.

Em uma zona intermediária, situa-se o Uzbequistão, já que até 2005 o país perseguiu relações próximas com o Ocidente. Porém, devido ao caso de Andijan²², as relações entre Tashkent e Washington estremeceram-se. Com isso, os uzbeques reforçaram sua proximidade com Rússia e China (HIRO, 2009). Apesar disso, o país é membro do GUUAM²³ e recentemente retirou-se da CSTO (ADAM, 2010).

²¹ Um exemplo da cooperação militar é o projeto para a criação de um sistema de defesa aérea integrado entre Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia.

²² Manifestação na qual o governo uzbeque abriu fogo deliberadamente contra a população e causou centenas de mortes. Os EUA condenaram fortemente essa ação.

²³ São membros do bloco Geórgia, Ucrânia, Uzbequistão, Azerbaijão e Moldávia. O GUUAM figura como uma organização regional com o objetivo de minar a influência russa na antiga esfera soviética (ADAM, 2008).

Para além desse mapeamento, é imperativo clarificar em que medida haveria efetiva hegemonia da Rússia na região. Para tanto, acata-se aqui a definição proposta por Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), que consideram a hegemonia como:

a supremacia de um Estado-nação ou de uma comunidade político-territorial dentro de um sistema. A potência hegemônica exerce sobre as demais uma preeminência não só militar, como também frequentemente econômica e cultural (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, p. 579).

Ainda que o fim da União Soviética tenha afastado a Rússia de alguns países de seu entorno, permanecem, como exposto, significativas relações econômicas, energéticas e militares. Portanto, em face do conceito de hegemonia, é plausível afirmar que a Federação Russa exerce forte influência no Exterior Próximo, e ainda que não seja a única potência presente na região, “parece razoável acreditar, a luz dos acontecimentos, que a Rússia será, sempre, uma força de primeira grandeza, e provavelmente a dominante, dentro do antigo espaço soviético” (BERTONHA, 2010, p. 157).

As capacidades militares russas em âmbito global são, em certos aspectos, limitadas, nomeadamente no que se refere às forças convencionais. Entretanto, na esfera regional a Rússia possui expressiva capacidade de poder (KLEIN, 2009). Conforme ilustrado no quadro abaixo, o efetivo das Forças Armadas russas representa praticamente o dobro do efetivo de todas as ex-repúblicas soviéticas somadas²⁴. Ademais, a Rússia supera grandemente o Exterior Próximo no número de veículos blindados de combate de infantaria (enquanto a Federação Russa possui 7,360 mil unidades disponíveis, a soma dos outros Estados não passa de 6,747), assim como na quantidade de aeronaves de combate (os russos dispõem de 1,462 mil aeronaves, ao passo que, juntos, os países remanescentes possuem 760).

Quadro 1: Comparação das forças militares das ex-repúblicas soviéticas, 2013

País	Forças ativas	Veículo blindado de combate de infantaria	Aeronaves de combate
Armênia	48,850	104	15
Azerbaijão	66,950	111	44
Cazaquistão	39,000	602	123
Bielorrússia	48,000	1,111	93
Geórgia	20,650	63	12
Moldávia	5,350	44	0

²⁴ Não se consideram aqui as repúblicas bálticas, já que essas distanciaram-se acentuadamente do escopo de influência russo.

Rússia	845,000	7,360	1,462
Quirguistão	10,900	320	33
Tajiquistão	8,800	23	0
Turcomenistão	22,000	942	94
Ucrânia	129,950	3,028	211
Uzbequistão	48,000	399	135

Fonte: IISS, 2013 (Quadro adaptado pelos autores).

Ao mesmo tempo, é possível notar a presença russa nos Estados de seu entorno através das bases militares que o país mantém no exterior. Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Geórgia, Moldávia, Quirguistão e Tajiquistão possuem bases russas em seus territórios (KLEIN, 2009).

Do mesmo modo, o investimento russo em defesa mais do que duplicou em uma década. No ano de 2003 o investimento russo esteve na ordem de US\$ 39,1 bilhões de dólares, ao passo que em 2013 esse número atingiu a faixa de 84,8 bilhões de dólares (SIPRI, 2013). No ano de 2011, por exemplo, foram destinados US\$ 700 bilhões para um programa de rearmamento que vai durar dez anos (IISS, 2013). Investimentos do tipo fazem do orçamento militar russo o terceiro maior do mundo na atualidade, apenas atrás dos EUA e da China²⁵ (SIPRI, 2013).

A partir de tais considerações, fica evidente que a Rússia figura como o Estado com maior capacidade militar dentre as ex-repúblicas soviéticas, e tem poder de coerção suficiente para impor bases militares no interior do território de países que considera sob sua esfera de influência. Ademais, o crescente investimento militar da última década demonstra que o Kremlin está apto a defender sua área de influência, evidenciando superioridade regional considerável.

Considerações Finais

É amplamente reconhecido que a Rússia que sobreviveu às ruínas do Estado soviético inicialmente precisou conformar-se à sua posição subalterna em uma ordem internacional liderada pelos Estados Unidos. Diante disso, ressaltou-se na primeira seção do presente artigo que a política externa empreendida pela nascente Federação Russa voltou-se às tentativas de colaboração com o Ocidente em um contexto particularmente

²⁵ Quanto aos países do exterior próximo, a Rússia se configura como o Estado que mais investe militarmente na região. Como já exposto, em 2013 a Federação Russa investiu US\$84,8 bilhões de dólares em defesa, sendo seguido pela Ucrânia (US\$ 5,3 bilhões), Azerbaijão (US\$ 3,2 bilhões), Cazaquistão (2,6 bilhões) e Bielorrússia (921 milhões) (SIPRI, 2013). A soma dos gastos militares desses quatro países representa menos do que 15% do orçamento russo.

traumático, porque permeado por crises políticas internas, agitação social e profunda depressão econômica.

Contudo, a ascensão de Vladimir Putin no final da década de 1990 foi acompanhada pelo paulatino afastamento de tais problemas na agenda russa. Centralizando o poder aos moldes de uma tradição nem tão rara no país (a qual associamos com o conceito de *gosudarstvennost*), Putin valeu-se da nova conjuntura internacional favorável para recuperar a economia e gradualmente atrair para si a confiança de parcelas expressivas da população russa.

O passo seguinte, por óbvio, seria retomar a robustez do poder russo no tabuleiro internacional. Apegando-se à bandeira de que a Rússia natural e historicamente possuiria uma vocação de grande potência (*derzhavnost*), as sucessivas gestões lideradas por Putin (nas quais incluímos os mandatos de Medvedev) promoveram reiteradamente o incremento da assertividade do país na política externa, conforme se pode atestar em fatos recentes (como no conflito sírio e na crise que absorve a Ucrânia desde 2013).

O interesse russo pela Ucrânia, no entanto, não é pontual e parece situar-se para além dos evidentes interesses econômicos presentes na região (sobretudo a questão do fornecimento de gás). Ao analisarmos os três documentos oficiais acerca do *Conceito de Política Externa da Federação Russa* (1993, 2000 e 2008), percebe-se que a conquista de um “papel de pleno direito nos assuntos globais” por parte da Rússia suporia não apenas a promoção de valores como a “multipolaridade” (ou “nova arquitetura das relações internacionais”) e o respeito às “normas do direito internacional”, mas sobretudo a necessidade de “formar um cinturão de boa vizinhança ao longo do perímetro das fronteiras da Rússia”. O último ponto claramente remete ao Exterior Próximo, região que esteve sob influência da Rússia desde sua concepção como *Rus Kievana* e que oficialmente passou a figurar como alvo central da política externa do Kremlin desde 1993.

Contudo, sugerimos que a estratégia só encontrou materialização visível com os governos Putin, na esteira de uma franca recuperação econômica e da popularidade interna de que goza o presidente. Decorreria daí o fato de que os documentos de política externa publicados depois de 1993 tornaram-se mais categóricos, celebrando a crescente liderança internacional do país e sinalizando para a expansão de seu influxo nas regiões limítrofes. A análise nos leva a crer, portanto, que, para os russos, seu o projeto de grande potência depende, em grande medida, do controle da região que rodeia o país.

Constatados esses objetivos, a última seção do artigo analisou as potencialidades e entraves para a Rússia no Exterior Próximo, verificando que o país procura incessantemente estabelecer laços com a maioria dos países na região (por vezes de forma bastante incisiva). Nesse sentido, observa-se que a Rússia, além de apostar em diplomacia atuante, visa expandir organizações de cooperação econômica, integração cultural-linguística e acordos comerciais, energéticos e militares com os países de seu entorno. Isso porque Moscou pretende consolidar seu protagonismo e/ou afastar o *appeal* ocidental quando e onde ele eventualmente se faz sentir.

A contrapartida a esse *appeal* deveria derivar, de acordo com os *Conceitos de Política Externa*, também do *soft power* russo. Contudo, se o citado *soft power* pode encontrar um terreno relativamente fértil em boa parte dos países do exterior próximo devido aos laços históricos que unem a Rússia à região, sua expansão para o Ocidente parece uma tarefa significativamente mais árdua. A antipatia generalizada dos países europeus e dos Estados Unidos diante da postura russa na recente crise da Ucrânia/Crimeia espelha essa dificuldade, não sendo do todo equivocado salientar que algumas das feridas geradas pela atuação dos soviéticos ao longo do século XX ainda não foram plenamente cicatrizadas.

Ainda assim, a recente desvalorização do rublo (fins de 2014), a queda no preço do petróleo e a estimativa de recessão para economia russa em 2015 questionam a capacidade de manutenção da estratégia atual russa. A despeito disso, os dados acerca do crescente orçamento da Rússia destinado ao setor militar sugerem que o país está disposto a recuperar o *hard power* que outrora possuiu, garantindo, ao menos preliminarmente, sua proeminência no Exterior Próximo (inclusive mediante o estabelecimento de bases militares em pelo menos sete países de seu entorno). O fato de que a Crimeia tenha se tornado a maior e mais recente dessas bases justifica *per se*, a atenção que a política externa russa vem merecendo por parte dos analistas de política internacional.

Referências

ADAM, Gabriel P. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos**. 2008. 273 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. A Ásia Central na política externa russa dos governos Putin e Medvedev. In: PECEQUILLO, Cristina Soreanu (Org.). **A Rússia – desafios presentes e futuros**. Curitiba: Juruá, 2010.

BANCO MUNDIAL. **Dados econômicos da Rússia, 1992-2013**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/russian-federation>>. Data de acesso: 13/10/2013.

BERTONHA, João Fábio. **Rússia – Ascensão e Queda de um Império: Uma História Geopolítica e Militar da Rússia, dos Czares ao Século XXI**. Curitiba: Juruá, 2010.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUALINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: UNB, 1998.

BUGUBAEV, Kubangazy. **Kyrgyzstan-Russia Relations**. Strategic Outlook. Disponível em: <http://strategicoutlook.org/publications/Kyrgyzstan_Russia_Relations.pdf>. Acesso em: 23/12/2013.

CIA. World Fact Book. **Kazakhstan population, 2009**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>>. Data de acesso: 12/10/2013.

COOPER, William H. **Russia's Economic Performance and Policies and Their Implications for the United States**. Congressional Research Service, CRS Report for Congress, 2008. Disponível em: <<http://fpc.state.gov/documents/organization/106151.pdf>>. Data de acesso: 25/09/2013.

DRENNAN, John. **Russia strengthens its hand in Central Asia**. Washington D.C.: International Institute for Strategic Studies, 2013. Disponível em: <<http://iissvoicesblog.wordpress.com/2012/12/20/russia-strengthens-its-hand-in-central-asia/>>. Data de acesso: 27/11/2013.

DUGIN, Alexander. **Geopolítica do Mundo Multipolar**. Curitiba: Austral, 2012.

FEAN, Dominic. **A return to multi-vector balancing? Viktor Yanukovich's Government and Ukrainian Foreign Policy**. Publications du Institut français des relations internationales, 2010.

FREIRE, Maria Raquel. A Política Externa em Transição: o caso da Federação Russa. **Relações Internacionais**, Lisboa, nº 23, Setembro 2009, pp.75 – 89.

GEÓRGIA PROMETE adotar “política construtiva” em relação à Rússia. **Diário da Rússia**, Moscou, 28 out., 2013. Disponível em:

<<http://www.diariodarussia.com.br/internacional/noticias/2013/10/28/georgia-promete-adotar-politica-construtiva-em-relacao-a-russia/>>. Data de acesso: 12/11/2013.

HAAS, Marcel de. **Russia's Foreign Policy in the 21st Century: Putin, Medvedev and beyond**. New York: Routledge, 2010.

HIRO, Dilip. **Inside Central Asia: A political and cultural history of Uzbekistan, Turkmenistan, Kazakhstan, Kyrgyzstan, Tajikistan, Turkey, and Iran**. London: Penguin, 2009.

HUTTER, Benjamin. Desemprego na Rússia atinge mínimo de 4,8%. **Gazeta Russa**, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://gazetarussa.com.br/sociedade/2013/04/22/russos_comemoram_taxa_de_desemprego_em_torno_de_48_18799.html>. Data de acesso: 27/09/2013.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). **The Military Balance**, 2013. Washington D.C., 2013. Disponível em: <<http://www.iiss.org/en/publications/military%20balance/issues/the-military-balance-2013-2003>>. Data de acesso: 21/11/2013.

JUBRAN, Bruno Mariotto. **Brasil e Rússia: política, comércio, ciência e tecnologia entre 1992 e 2010**. 2012. f. 38-68. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KLEIN, Margarete. **Russia's Military Capabilities: "Great Power" Ambitions and Reality**. Berlin: Stiftung Wissenschaft und Politik, 2009. Disponível em <http://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/research_papers/2009_RP12_kle_ks.pdf>. Data de acesso: 13/10/2013.

KOZYREV, Andrei. The Lagging Partnership. **Foreign Affairs**, v. 73, n. 3, p. 59-70, Mai./Jun. 1994. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/49883/andrei-kozyrev/the-lagging-partnership>>. Data de acesso: 15/09/2013.

LEGVOLD, Robert. Russian Foreign Policy During Periods of Great State Transformation. In: LEGVOLD, Robert. **Russian Foreign Policy in the 21st Century and the Shadow of the Past**. New York: Columbia University Press, 2007.

LEVADA CENTER. **Russian Public Opinion 2010-2011**. Moscow, 2012. Disponível em: <<http://en.d7154.agava.net/sites/en.d7154.agava.net/files/Levada2011Eng.pdf>>. Data de acesso: 07/09/2013.

LEVGOLD, Robert (ed.). **Russian Foreign Policy in the 21st Century and the Shadow of the Past**. New York: Columbia University Press, 2007.

MANKOFF, Jeffrey. **Russian Foreign Policy: The Return of Great Power Politics**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2009.

MAZAT, NUMA. SERRANO, FRANKLIN. A Geopolítica das Relações entre a Federação Russa e os EUA: da “Cooperação” ao Conflito. Rio de Janeiro: **Oikos**. v. 10, n. 2, 2011.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: Norton, 2001.

_____. Why the Ukraine Crisis Is the West’s Fault: The Liberal Delusions That Provoked Putin. **Foreign Affairs**, 28 Aug. 2014. Web. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/141769/john-j-mearsheimer/why-the-ukraine-crisis-is-the-west-s-fault>>. Acesso em: 29/08/2013.

MENON, Rajan. Introduction: Central Asia in the Twenty-First Century. In: RUMER, Eugene; TRENIN, Dmitri; ZHAO; Huasheng. **Central Asia: views from Washington, Moscow, and Beijing**. New York: M.E. Sharp, 2007.

NATO. **The North Atlantic Treaty**. Washington, D.C., Apr. 1949. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/ro/natolive/official_texts_17120.htm>. Data de acesso: 12/10/2013.

OKUNEVA, Liudmila. Os 25 anos da Política Externa da URSS/Rússia: questões-chave, evolução, perspectivas (1985-2010). In: PECEQUILLO, Cristina Soreanu (Org.). **A Rússia: desafios presentes e futuros**. Curitiba: Juruá, 2010.

PICCOLLI, Larlecianne. **O significado da interação entre política interna e externa para a (re) formação da Rússia Imperial**. 2010. 137 f. Monografia (graduação) - Faculdade América Latina.

PINTO, Paulo Antônio Pereira. Influência da Turquia, Irã e Rússia no sul do Cáucaso: O Caso do Azerbaijão. **Século XXI**, Porto Alegre, V. 3, Nº2, Jul-Dez 2012.

PUTIN, Vladimir. **Russia at the Turn of the Millennium**. Moscow, 30 dec. 1999. Disponível em: <<http://pages.uoregon.edu/kimball/Putin.htm>>. Data de acesso: 12/09/2013.

RUSSIA. **The Foreign Policy Concept of the Russian Federation**. Moscow, Apr. 1993. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.dcaf.ch%2Fcontent%2Fdownload%2F36019%2F527255%2Ffile%2Fbm_arbatov_05_concept_foreignpolicy.pdf&ei=a9UHVPqfAZKryASM-4DABw&usq=AFQjCNF774TzhbpU6VgLhSgJZPQRzHL48w>. Data de acesso: 11/09/2013.

RUSSIA. **The Foreign Policy Concept of the Russian Federation**. Washington, Jun. 2000. Disponível em: <<http://www.fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>>. Data de acesso: 11/09/2013.

RUSSIA. **The Foreign Policy Concept of the Russian Federation**. Moscow, Jul. 2008. Disponível em: <<http://www.fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>>. Data de acesso: 11/09/2013.

RÚSSIA. Serviço Federal Alfandegário. **Goods Export Structure**, 2012. Disponível em: <http://www.brazil.mid.ru/Russian_Federation_Facts_and_Figures.pdf>. Data de acesso: 24/09/2013.

RÚSSIA-TURCOMENISTÃO: As relações entre os dois países irão desenvolver-se sem intervalos. **Voz da Rússia**, Moscou, 13 set. 2009. Disponível em: <<http://portuguese.ruvr.ru/2009/09/13/1843377/>>. Data de acesso: 15/10/2013

RUSSIA CORTA abastecimento de gás à Ucrânia. **TSF**, Brasília, 01 jan. 2009. Disponível em: <http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=1065702>. Data de acesso: 12/09/2013

SEGRILLO, Angelo. **O fim da URSS e a nova Rússia**: de Gorbachev ao pós-Yeltsin. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Rússia: Economia e Sociedade. In: **II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – Seminário Rússia**. Brasília: Funag, 2008. Disponível em <<http://angelosegrillo.blogspot.com>> – Acessado em 03 de Outubro de 2010.

_____. A Política Externa Russa Pós-guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: PECEQUILLO, Cristina Soreanu (Org.). **A Rússia**: desafios presentes e futuros. Curitiba: Juruá, 2010.

_____. A Diarquia Putin-Mevedev: dimensões da política interna e da política externa. In: Alves, André Gustavo de Miranda Pineli. (Org.). **Uma Longa Transição**: vinte anos de transformações na Rússia. 1 ed. Brasília: IPEA, 2011, v. , p. 137-153.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). **Military Expenditure Database, 2013**. Stockholm, 2013. Disponível em: <www.sipri.org/research/armaments/milex>. Data de acesso: 29/10/2013.

TAIBO, Carlos. **Rusia en la era de Putin**. Madrid: Catarata, 2006.

TANGREDI, Sam. **Anti-access warfare**: countering A2/AD strategies. Maryland: Naval Institute Press, 2013.

THORUN, Christian. **Explaining change in Russian foreign policy**: the role of ideas in post-Soviet Russia's conduct towards the West. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

TSYGANKOV, Andrei. **Russia's Foreign Policy**: Change and Continuity in National Identity. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.

UCRÂNIA REJEITA acordo, e Rússia vence batalha contra a UE. **O Globo**, Vilnius, 29 nov. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/ucrania-rejeita-acordo-russia-vence-batalha-contra-ue-10917397#ixzz2mWHNYa7M>>. Data de acesso: 30/11/2013.

WALLANDER, Celeste. Russian-US Relations in the Post Post-Cold War World. **The Program on New Approaches to Research and Security in Eurasia**, Washington, 1999. Disponível em: <http://www.ponarseurasia.org/sites/default/files/policy-memos-pdf/pm_0070.pdf>. Data de acesso: 13/10/2013.

ZHEBIT, Alexander. A Rússia e seus amigos. In: PECEQUILLO, Cristina Soreanu (Org.). **A Rússia: desafios presentes e futuros**. Curitiba: Juruá, 2010.

Recebido em: Outubro de 2014;

Aprovado em: Julho de 2015.